

Memórias de uma infância negra em Maracanaú

Memories of a black childhood in Maracanaú

Rebeca Silva de Oliveira*

Henrique Cunha Junior**

Palavras-chave:
Infância negra
Maracanaú
Narrativa Autobiográfica

Resumo: Este trabalho possui o objetivo de compreender, através da narrativa autobiográfica, os aspectos que constituem a memória da experiência de uma infância negra passada no território de Maracanaú, Ceará. Encarando a cidade enquanto um lugar de memória, a pesquisa entrelaça a relação da história do lugar junto às vivências particulares e coletivas que formam a identidade local. A partir de uma abordagem qualitativa e de metodologia autobiográfica, memórias de infância são resgatadas, refletindo sobre os contextos socioeconômico e cultural de Maracanaú, sendo possível perceber nas experiências a presença da cultura afrodescendente, através de costumes, alimentação, festejos e tradições, em contraponto à constante desvalorização da memória e da existência histórica dessa comunidade no município. Apesar de suas problemáticas, Maracanaú é a maior cidade dormitório e polo industrial do Estado, o que acarreta dificuldades na sensação de pertencimento e falta de manutenção de patrimônios histórico-culturais. O estudo se dispõe a destacar o valor da memória e da narrativa de si, para a preservação da história e identidade das populações negras e periféricas em contexto urbano.

Keywords:
Black childhood
Maracanaú
Autobiographical narrative

Abstract: The objective of this work is to understand, through autobiographical narrative, the aspects that make up the memory of the experience of a black childhood spent in Maracanaú, Ceará. Facing the city as a place of memory, the research intertwines the relationship between the history of the place and the private and community experiences that form local identity. Using a qualitative approach and autobiographical methodology, childhood memories are recovered, reflecting on the socio-economic and cultural context of Maracanaú. It is possible to perceive in these experiences the presence of Afro-descendant culture, through customs, food, festivities and traditions, as opposed to the constant devaluation of the memory and historical existence of this community in the municipality. Despite its problems, Maracanaú is the largest dormitory city and industrial hub in the state, which leads to difficulties in the sense of belonging and a lack of maintenance of historical and cultural heritage. The study aims to highlight the value of memory and self-narrative in preserving the history and identity of black and peripheral populations in an urban context.

Recebido em 1º de março de 2025. Aprovado em 29 de abril de 2025.

* Mestranda em Educação – Universidade Federal do Ceará. Universidade Federal do Ceará. E-mail: rebecasilol@gmail.com.

** Doutor em engenharia elétrica – Instituto Politecnico de Loraine, INPL, França. Universidade Federal do Ceará. E-mail: hcunha@ucf.br.

Introdução

Maracanaú é uma cidade pertencente ao estado do Ceará, fazendo parte da região metropolitana de Fortaleza, estando a aproximadamente 24 km do centro da capital cearense. Possui a área de 105,071km² e uma população de 234.509 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022. Ela é a quarta maior cidade do estado, conhecida como a maior cidade dormitório e o maior polo industrial do Ceará. Maracanaú foi a cidade onde eu nasci e me criei, quando falo deste município estou me referindo ao meu território, e, quando me proponho a pesquisar a memória desta região, também me proponho a estudar sobre mim mesma. Por esse motivo, reivindico aqui a escrita em primeira pessoa, para que o laço entre a pesquisadora e a pesquisa seja estreitado.

Dentre seus habitantes, 157.320 se autodeclararam pardos, e 58.179 se autodeclararam pretos, portanto, Maracanaú possui em sua maioria uma população afrodescendente. Porém, esse fato não é devidamente trabalhado na gestão municipal, ou seja, historicamente Maracanaú apresenta carências de políticas públicas que promovam debates raciais. A memória da população negra, esta que firmou a história deste município e que ainda se faz maioria dos seus habitantes, passa por um constante processo de apagamento, pouco sendo retratada nos livros e não sendo estudada nas instituições escolares.

O culto da memória do município passa por percalços, dados a dois principais fatores já aqui pontuados: o de ser uma cidade dormitório e o de ser um polo industrial. Durante seu processo de expansão, na década de 1970, foi construído nesta área um polo industrial, visando competir com os novos polos que surgiam no sudeste do país. Para garantir a mão de obra desses polos e descongestionar a capital com alto teor de migrantes, vindos do interior do Estado devido à seca (Gomes; Pereira Júnior, 2013), foram produzidos conjuntos habitacionais na periferia deste município que crescia, onde a maioria de pessoas negras e de baixa renda foram trazidas para morar.

Porém, a ideia de trazer pessoas para a mão de obra na indústria falhou, surgindo assim a

necessidade de buscar empregos, e, a criação dos movimentos pendulares entre Maracanaú e Fortaleza, que se estendem até os dias atuais. O ir e vir constante de uma cidade para outra, dificulta o sentimento de pertencimento dos moradores de Maracanaú, tornando-se um município que não costuma acolher a totalidade de seu povo, tornando-se árdua a criação de memórias e experiências junto ao território.

Também, desde a época da criação do setor de indústrias, o crescimento da cidade se deu de forma desenfreada. Ela passou por um processo acelerado de urbanização nos últimos anos, fazendo com que muitas vezes a memória dos patrimônios culturais não sejam mantidas e valorizadas.

Eu, assim como tantas outras pessoas, precisei sair de Maracanaú para buscar oportunidades de estudo, e hoje, retorno a viver o município de forma mais densa. Por esse motivo, nasceu em mim a necessidade de retratar os passos por mim caminhados dentro do meu território. Pois de acordo com o intelectual Milton Santos, o território é o “lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (Santos, 1999, p. 7).

É preciso voltar para a minha infância, pois é lá que operam as lembranças onde eu mais vivenciei a cidade, onde eu mais estive na rua aprendendo e deixando ser levada pela experiência de ser maracanauense. Destacando a influência da minha identidade étnica e a importância que ela teve para dar significado a cada momento vivido. Faço esse exercício como forma de retomar a memória da presença negra no município, não somente através dos indivíduos afrodescendentes, mas da herança dos costumes africanos e afrobrasileiros, e a forma de vida neste território.

O trabalho é de cunho qualitativo, pois, “[...]considera a concepção de mundo do pesquisador, sua subjetividade e busca compreender fenômenos vivenciados pelos sujeitos, considerando assim sua interpretação sobre o objeto estudado” (Polak; Diniz, 2011, p. 71). Conversa também com os estudos de Souza (2010), possuindo o objetivo de compreender, através da narrativa autobiográfica, os aspectos que constituem a memória da experiência

de uma infância negra passada no território do município de Maracanaú.

Ainda, este estudo corrobora com Souza (2021), que afirma que uma maneira de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo, e que esse discurso é muito mais significativo quando pautado na realidade. Em suma, pode-se constatar que o recurso da narrativa autobiográfica, é uma possibilidade de contraposição ao silenciamento da influência negra na memória da cidade.

A pesquisa dos lugares de memórias negras

Cunha Júnior compreende que a memória é coletiva e individual, sendo que a coletiva reafirma a existência comum de um grupo social e o pertencimento a esse setor, ocorrendo como um fenômeno em constante movimento, influenciado pela necessidade de registrar eventos e participar deles (Cunha Júnior, 2019).

Além disso, toda memória é espacial, o que significa que as lembranças se passam em determinado espaço ou lugar, com isso é construído um histórico de significados remetente a esses espaços determinados nas lembranças. Para me debruçar sobre as minhas memórias de infância, compreendo que elas estão alocadas no território em que vivo, a cidade de Maracanaú. Por esse motivo, encaro este espaço enquanto um lugar de memória, um local que abarca a construção de memórias de sujeitos e coletivos, tomado de afeto e de significância ímpares.

Henrique Cunha Júnior, ao abordar o conceito de memória interligado a um território, discute a noção de lugar de memória, voltado particularmente para a perspectiva de lugares de maioria afrodescendente. Segundo ele, “toda memória coletiva tem um lugar no tempo e no espaço. A cultura, o espaço geográfico e o tempo são os cenários da memória coletiva. Sendo assim, as memórias coletivas são territoriais e têm significado dentro do grupo social” (Cunha Júnior, 2019, p. 86).

Segundo o autor, a função que esses lugares exercem nas vivências coletivas da população diz respeito à relação afetiva dada ao espaço geográfico,

estando sempre presente na memória, tornando-se, assim, um alicerce dessa lembrança coletiva e fazendo parte da afirmação das identidades. Esse lugar produz sentidos físicos e imaginários de uma população, sendo compreendidos como simbólicos e revestidos de valores de ícones (Cunha Júnior, 2019).

Para Cunha Júnior, o lugar de memória da população negra compreende-se como a forma de um espaço geográfico. Há, assim, o entendimento da existência de um território no qual são construídas ligações e afetividades, sendo berço e cenário de memórias para essa população, criando-se, assim, o sentimento de pertencimento para com os representantes dessas memórias, mas também com o cenário onde elas se passam.

Esses lugares vão além do estado físico, pois é a representação simbólica que se constrói perante ele que agrega ainda mais o valor que possui:

Fazem parte das manifestações de subjetividades sentimentais e das paixões humanas por lugares e pela cultura dos lugares. Os lugares de memórias fazem parte da construção histórica, formam um conjunto documental e são bem mais potentes que os lugares físicos de existência, pois são as revelações das consciências e das identificações de lugares (Cunha Júnior, 2019, p.90).

Por esse motivo, de acordo com o autor, podemos descobrir a existência de lugares, seu significado e sua importância por meio da representação de memória existente no imaginário dos seus habitantes. Em outros termos, o lugar de memória também está presente de forma simbólica no imaginário da população e é por meio da história oral que é construído esse significado. Ou seja, o ato de falar sobre o lugar é uma forma de dar sentido à própria existência, com isso, estabelecemos a inteira ligação entre a memória, a memória de um lugar e a identidade.

Aqui, o relato oral também funciona como um meio de ressignificação da origem africana por meio de narrativas históricas, voltando-se para a cultura e a memória de um local, a cidade de Maracanaú. Embora a cidade possua uma população negra significativa, a qual contribuiu e continua contribuindo ativamente para a sua historiografia, essa participação é pouco abordada. Quase não há

registro sobre as histórias dos negros, uma invisibilidade que vai além de um só território, pois se torna realidade em muitas outras localidades brasileiras (Souza, 2010).

Santos e Cunha Júnior afirmam que um território geográfico e ancestral, o qual se desenvolve por meio de gerações, é importante ao se pensar as representações de memória, pois se estabelece na elaboração da identidade, da cultura, da resistência, da sociabilidade e da afirmação de um grupo social (Santos; Cunha Júnior, 2019).

No conceito de Cunha Júnior, a memória está baseada dentro do âmbito da cultura, assentada em fatores sociais comuns ao coletivo e, apesar de vivermos atualmente em uma sociedade dotada de referências vindas de diversos lugares, ainda, a vida da maioria das pessoas é condicionada pelo local onde vivem. Cada local produz, assim, uma forma de vida em seus habitantes, criando sua cultura e sua identidade (Cunha Júnior, 2019). Com isso, as memórias são o resultado das produções dos grupos sociais, condicionados a uma territorialidade específica.

A memória negra seria, portanto, formada pela relação social dessa população dentro de um determinado espaço, cultura e tempo histórico. Essas memórias formam, com isso, sentidos e noção de pertencimento ou não a uma realidade social, econômica e cultural específica denominada por um território. Por isso, um indivíduo, ao viver direta ou indiretamente um acontecimento, tende a ligar-se e a identificar-se com outras pessoas que também já viveram, formando, assim, uma forte característica de identidade.

No presente trabalho, lido com Maracanaú a partir da perspectiva de um lugar de memória negra e com a memória negra com a narrativa autobiográfica como a interpretação de fatos a partir da experiência de uma mulher negra em seu território de origem (Souza, 2010). Nessa esteira, torna-se importante reconhecer o valor das narrativas e histórias orais autobiográficas para a compreensão das memórias e, desse modo, a construção de uma identidade negra.

A memória e a narrativa autobiográfica

Historicamente, a população negra vem sendo alvo de silenciamento de suas histórias e narrativas. Junto à discriminação e ao racismo sofrido dentro da sociedade, o apagamento da história e da memória desses povos afeta diversos âmbitos, desde o coletivo ao individual. Podemos ver como exemplo, na estrutura coletiva, a memória de muitos dos grandes contribuintes para a construção do país, os quais muitos são autores de revoluções que, até os dias de hoje, são pouco conhecidos.

Na experiência individual, podemos citar como exemplo a memória de nossa própria família e a história dos antepassados pertencentes a ela. Trata-se de um trabalho árduo o conhecimento do histórico familiar, principalmente em famílias negras, as quais possuem um passado ceifado pelo escravismo criminoso. Diante disso, observamos, portanto, que o silenciamento do racismo abrange as macro e microestruturas que formam nossas vidas. Sobre esse aspecto, o município de Maracanaú não é diferente de tantos outros territórios, pois a população negra continua apagada da memória histórica da cidade e suas trajetórias permanecem desvalorizadas e desconhecidas no imaginário coletivo.

Com isso, percebemos que o ato de conhecer e anunciar histórias próprias é de grande significado quando levamos em conta o passado de apagamento como estratégia de dominação. Para isso, apresento aqui a abordagem metodológica da narrativa autobiográfica como um processo de superação do silêncio e como prática educacional de autoformação, sendo abordada a história de vida como um indivíduo negro em Maracanaú.

A pesquisa autobiográfica se constitui como uma investigação e processo formativo que tem como base a história de vida do autor, levando em consideração as suas experiências, trajetórias, aprendizados e educação. O autor narra a si mesmo e acessa, por meio da memória, lembranças que podem ser ressignificadas e por assim servir como um processo de aprendizagem e de autoformação.

Na pesquisa autobiográfica, o autor/narrador é também o seu próprio investigador, partindo, portanto, de si as reflexões que abrangem o que foi contado, auxiliando, na identificação de sua

identidade, também, fatores como o pertencimento a um território. Segundo Passegi (2021), esse é o aspecto que caracteriza a pesquisa autobiográfica, o desdobramento da pessoa que narra em três instâncias – autor, narrador e personagem. Esse fato entrelaça o presente, o passado e o futuro, qualquer que seja a sua natureza: escrita ou oral.

Esse tipo de pesquisa também permite que, por meio da experiência individual, possamos refletir sobre o papel social desse indivíduo dentro do aspecto coletivo, visto que a história de vida individual está inserida dentro de um contexto social, trazendo seus elementos e resultados de suas transformações. Por esse motivo, não é possível desassociar o singular de aspectos universais.

Elizeu Souza (2006), em seu artigo nomeado “A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação”, aborda sobre as diversas formas de existência de pesquisa autobiográfica, a qual faz parte da modalidade polissêmica da História Oral. São citados como exemplo a autobiografia, a biografia, a história de vida, o depoimento oral, dentre tantos outros.

Baseando-me nesse estudo, compreendo que o estudo construído aqui trata-se de uma pesquisa de História de Vida, a qual o autor também reconhece como “narrativa autobiográfica” (Souza, 2006) que se encontra dentro da abordagem da História Oral. A história de vida, portanto, corresponde ao intuito de “autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva” (Souza, 2006, p. 27).

Existem alguns pressupostos que formam a pesquisa autobiográfica, eles são vistos e abordados diferentemente por diversos autores. Como exemplo, para Passegi, as abordagens autobiográficas possuem duas razões fundadoras: a primeira, a de narrar e refletir sobre uma experiência vivida, podendo criar um sentido para o acontecido. Já a segunda seria que, ao narrar, o sujeito cria uma nova versão de si, repensando suas relações com os outros e com o mundo (Passegi, 2021).

Já para Bolívar (2014), os objetivos principais dessa pesquisa seriam produzir conhecimento a partir de si, ser formativo e autoformativo ao narrar as histórias, produzindo sentidos para a experiência e, por fim, gerando transformações na realidade do autor/narrador da história e daqueles que por ela se espelham e aprendem.

Vemos, portanto, que a pesquisa autobiográfica se estrutura a partir de importantes fatores, como a existência das narrativas, a memória, o saber da experiência e seu poder de autotransformação. Discutindo, primeiramente, sobre a importância fundamental da narrativa dentro da pesquisa autobiográfica ou história de vida, Abrahão (2012) comenta que trabalhar com essa perspectiva não se trata apenas de recolher o material e os objetos em diferentes contextos, mas de participar da estruturação de uma memória que será transmitida.

Por se tratar de um trabalho com a memória, a articulação entre passado, presente e futuro cria, para além da compreensão das experiências, uma nova perspectiva enquanto forma de ser. Quando as memórias são contadas, elas falam sobre a percepção que um indivíduo possui sobre si mesmo, levando em consideração a exposição de fatos e eventos lembrados a partir do contexto e do interesse presente no momento. Para isso, Cunha (2012, p. 101) fala que “o exercício de desvelamento que caracteriza a pesquisa autobiográfica fundamenta-se na memória. A memória assinala a nossa singularidade, direcionando as possibilidades de ser e fazer”. Trata-se, assim, de uma memória histórica baseada na cultura de base africana.

Com isso, a história de vida ou narrativa autobiográfica está para além do depoimento ou da descrição de fatos, ela é um trabalho de reflexão que o protagonista tem sobre si mesmo e sua própria história a partir do trabalho com a memória. É um esforço de reconstrução do que se é e do que se foi, partindo do pressuposto de que a educação se faz presente na ação da narratividade e do que esse raciocínio faz diante disso.

Passegi, em seu trabalho intitulado “A experiência em formação”, traz reflexões sobre a ressignificação das experiências vividas pelos indivíduos e seu processo de educação, demonstrando que o princípio fundador da

autobiografia é a autopoietica, ou seja, ato de narrar e dar sentido às experiências. Ademais, destaca que as narrativas são mais do que uma representação, e sim uma forma de construção, humanização e transformação da realidade e do discurso (Passey, 2011).

É fundamental compreender a importância da consciência histórica dentro desse campo, visto que as experiências se passam dentro de um contexto e que elas são válidas para o entendimento de si, só assim será possível captar uma perspectiva individual e estendê-la a uma totalidade histórica. Como questionado por Passey (2011, p.149):

Se somos filhos do nosso tempo, mais do que filhos de nossos pais, a resignificação da experiência vivida, durante a formação, implicaria encontrar na reflexão biográfica marcas da historicidade do eu para ir além da imediatez do nosso tempo e compreender o mundo, ao nos compreender: Por que penso desse modo sobre mim mesmo e sobre a vida?

Colocando-se como exemplo um sujeito negro autor da pesquisa autobiográfica, na qual suas histórias de vida e suas compreensões de si são analisadas, é importante levar em conta os fatores históricos, sociais e culturais nos quais esta pessoa se insere. Questionando-se o porquê de entender-se de certa maneira e o que a levou a pensar dessa forma, compreendendo não somente as ações do racismo em sua estrutura de vida, mas também as formas de valorização e superação pessoal contra essas dificuldades.

Considerando, portanto, o indivíduo como sujeito da experiência, que segundo Larrosa (2002) seria como um território de passagem, um espaço sensível no qual o que acontece afeta de um modo, causa algum efeito, deixa marcas, não sendo representado pela sua atividade, mas por sua abertura aos acontecimentos vividos.

O sujeito da experiência, com isso, é dotado do saber da experiência, conhecimento este que se adquire com o modo como alguém responde ao acontecido ao longo da vida, dando sentido a esse acontecer. Trata-se de um saber subjetivo e pessoal, não sendo possível uma experiência afetar semelhantemente duas pessoas, tornando-se, nessa

esteira, experiências diferentes. Um saber que não se separa do ser (Larrosa, 2002).

Por fim, é possível compreender as narrativas autobiográficas como dispositivos pedagógicos capazes de formar os indivíduos quanto às experiências pessoais de vida, sendo elas coletivas ou individuais, possibilitando compreender a relevância histórica desses acontecimentos ao tomar o contexto pelo qual eles são passados.

Narrativas de infância no território em que cresci

Quando observo Maracanaú, percebo o quanto ele mudou em tão pouco tempo, eu nasci entre o final dos anos 90 e o início dos anos 2000, e, apesar de isso fazer pouco mais de 20 anos, meus olhos puderam avistar as transformações sofridas nesse espaço. Honestamente, desde a sua emancipação, Maracanaú vem passando por um processo de urbanização acelerada, o que permitiu com que até mesmo aqueles que hoje ainda são jovens, pudessem experienciar a transição da cidade interiorana, para o centro urbano dos dias atuais.

Por isso, opto por relatar a minha infância, costurando o emaranhado de histórias de vivências pessoais que se passam no território de Maracanaú. Resgatando, assim, não somente a memória do meu passado, mas também do lugar de memória que é vivo em minha mente, lembranças estas, que me formam no que sou hoje.

Maracanaú é uma cidade dormitório (Mourão; Cavalcante, 2006), e, quando se fala nessa espécie de cidade, o deslocamento é um aspecto que se ressalta dentre os outros. Por esse motivo, quando penso em Maracanaú, também penso nas idas e vindas até Fortaleza, na mudança de cenários entre um ambiente e outro.

Quando menina, junto à minha mãe, eu costumava visitar, frequentemente, minhas tias em Fortaleza, portanto, lembro das viagens de ônibus, que na época pareciam intermináveis. Mas recordo, principalmente, da sensação de voltar para casa. O distanciamento dos longos prédios, das avenidas e suas filas de carros, e a recepção da lagoa no meio do caminho, que confirmava que eu estava de volta. Agora, havia calma nas ruas de pedras e areia, havia campos de carnaúbas com sua beleza que me

enchiam os olhos, eu estava de volta, aquele era o meu lar.

Não há sensação igual a esta, voltar para o território onde se conhece cada rua e cada rua lhe conhece também, sentir que aquele lugar lhe pertence. Ali está minha casa, a escola que eu frequentei, a avenida que eu passeava com a minha mãe e a farmácia cujo nome eu falei para ela quando aprendi a ler. Este lugar se transformou e eu me transformei junto com ele.

O meu bairro, que se chama Jereissati I, sempre foi movimentado, com o costume de lugares periféricos, em que famílias se sentavam à calçada todo fim de tarde, e as crianças aproveitavam para brincar na rua até tarde da noite. A rua de calçamento doía o pé, mas não nos impedia de correr de um lado para o outro até cansar. Os montes, as pedras, os buracos e as areais, tudo se transformava em uma oportunidade lúdica, ali, tudo era possível para se tornar parte de uma grande diversão.

A época em que se iniciou o projeto de asfaltar as ruas foi a nossa alegria quase mágica. Lembro que eu e uma amiga corríamos no pequeno espaço de asfalto na rua, não fazíamos nada além de correr, o pé não doía, não havia barreiras, fingíamos que éramos atletas e, quando o coração acelerava demais, parávamos e retornávamos para o início. O pequeno momento de um simples asfalto, foi algo marcante para as meninas de uma pequena cidade.

O laço da comunidade se estreitava nas quadras chuvosas, a vizinhança em peso se juntava para tomar banho de chuva, os rapazes jogavam futebol e nós, crianças, tomávamos banhos nas bicas que existiam em algumas casas. Era uma infância repleta de brincadeiras, meninos e meninas brincando sempre juntos, sem distinção, a rua era o nosso maior espaço de diversão. Nos divertíamos brincando de bola, de escolinha, pulando corda e elástico, esconde-esconde e pega-pega, e, até mesmo gostávamos de encenar peças de teatro. Eu, crescendo como uma criança introvertida, aproveitava a oportunidade para me desprender da timidez.

Sem condições financeiras, inventávamos formas de celebrar datas comemorativas, no natal, fazíamos o amigo da onça e nos dedicávamos a juntar coisas estranhas e nojentas que conseguíamos, para, assim, presentear uns aos outros. Era uma forma

viável e gratuita de nos presentear e de também, claro, nos divertir.

A minha infância também foi marcada pela cultura culinária, os costumes de alimentação. Por ser uma cidade rodeada de serras, durante a quadra chuvosa acontecia a revoada de formigas que chamamos de tanajura. Costumávamos caçar para comer “bunda de tanajura torrada na farinha”, e fazíamos competição de quem no final havia capturado mais.

Outra memória afetiva com a alimentação que tenho de infância é de minha avó preparando buchada de bode. Ela se sentava em um banquinho e cuidava dos ingredientes, o bucho do animal ficava vermelho, escurecido pelo colorau, e a parte mais interessante para mim era quando ela pegava a linha e a agulha, e, tal qual uma artista, costurava a nossa comida.

Desde o falecimento de minha avó, eu perdi o interesse por esse alimento, talvez o que me capturava nunca foi o sabor ou o resultado, acho que eu me deliciava com o processo, com as cores, com a costura. Eu me satisfazia com todo aquele ritual da minha avó sozinha fazendo o prato, pois só ela sabia, só ela me permitia a possibilidade daquele ato de comer com os olhos, de me alimentar com a experiência e, então, digerir era apenas o fim desse ciclo.

Em Maracanaú, os festejos de tradição católicas eram e ainda são bastante cultuados. Na minha rua, por exemplo, costumava acontecer a malhação ou queima do boneco Judas, e junto a isso, acontecia todo um evento que o antecipava. Todo ano, um vizinho era o responsável por escrever uma espécie de testamento do Judas, “documento” que continha piadas e brincadeiras com os outros moradores. Eu, muito criança, achava extremamente engraçado tudo que envolvia aquele espetáculo: o texto sempre rimando, as reações de quem escutava e a reação da pessoa citada pela piada.

Fiquei triste quando pararam de fazer o testamento e ainda mais quando pararam com a tradição de queimar o boneco aqui na minha rua. Porém, o Garajal, grupo que está há 20 anos trabalhando com a arte de rua, cultura popular e circo no Maracanaú, ainda persiste com essa tradição, promovendo a competição de melhor confecção dos bonecos, a premiação para os

ganhadores e a queima no final. Sua sede se encontra perto da minha casa, por esse motivo, cresci frequentando as ações que esse grupo promove.

Outro festejo produzido por esse grupo é a festa de reisado, iniciando com as tiragens em cada casa, arrecadando alimentos para que, posteriormente, sejam sorteados em um bingo. No dia do bingo, acontece também a apresentação do teatro com os personagens clássicos da festa, como: Mateus, Catirina, Jaraguá e o boi.

O reisado faz parte da cultura afrodescendente do nosso País. No Ceará, sua origem se faz no século XVIII, sendo realizado por Dom José Tupinambá. Tratou-se de uma Festa de Reis de Congo, celebrada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que recebeu o nome de reisado. Referia-se à coroação de um rei Cariongo e uma rainha em cortejo festivo, entoando cantigas e apresentando a personagem negra Catirina, presente em muitos reisados atuais (Nunes, 2007). O reisado brincado em Maracanaú, especialmente pelo grupo de cultura popular Garajal, carrega consigo diversos elementos desse mesmo reisado cultuado anteriormente pelas irmandades no Ceará.

A rua é um espaço de acolhimento para manifestações artísticas na cidade de Maracanaú, na minha infância existia uma espécie de quadra no meio do meu bairro, e lá, era sede de diversos eventos, desde jovens brincando de futebol à ensaios de grupos de dança e teatro. O grupo Garajal, citado anteriormente, aproveitava o espaço para realizar alguns ensaios de peças teatrais, muitas pessoas que moravam no entorno iam e aproveitavam para assistir aquele momento. Ali também, esporadicamente, era sede para parques de diversões e circos que visitavam a cidade.

Nessa quadra houve o nascimento de eventos da cidade, como o “Natal de Brilho” e o “São João de Maracanaú”. O Natal era o meu favorito, pois possuía apresentações de dança, teatro, pastoril e corais, além de feirinhas de artesanato, roupas e comidas que integravam o evento. Cumpre destacar que o São João de Maracanaú ganhou uma rápida popularidade, o que necessitou de uma realocação para um espaço maior, hoje esse evento é conhecido como um dos maiores no Estado do Ceará.

A rua também era polo para a feira livre de Maracanaú, a mais antiga da cidade. Lembro de,

ainda criança, precisar atravessá-la. Ela acontecia todos os domingos. Era uma feira muito diversa, onde se vendia de tudo um pouco, desde bicicletas, brinquedos, roupas, peças de eletrodomésticos, plantas ornamentais, alimentos e tudo mais que se procurasse. Era uma feira extensa de onde muitos vendedores passaram anos tirando seu sustento.

Segundo os autores Silva e Silva, as feiras livres foram trazidas ao Brasil a partir da cultura africana, estabelecendo-se através de artefatos materiais e imateriais da cultura negra. Por esse motivo, as feiras transformam-se em locais de territorialidade, carregados de memória e importância cultural (Silva e Silva, 2021).

Infelizmente, nos últimos anos, todas essas estruturas foram sendo destruídas e apagadas pela gestão da cidade. Diversas mudanças de infraestrutura das avenidas onde a feira acontecia vêm sendo realizadas, e, por consequência, esse ponto de cultura e as pessoas que ocupavam esse espaço também estão sendo esquecidas.

Dentro da perspectiva de memória e formação, incluo não apenas as vivências no brincar da rua, mas também as experiências escolares. Toda a minha formação no ensino básico foi na cidade de Maracanaú, no ensino médio eu fui estudar em uma escola pública no Centro. Eu estudava junto com amigas de infância e, por isso, conseguimos fazer uma grande quantidade de amigos. Lá, eu comecei a conhecer mais pessoas parecidas comigo e vindas de realidades também parecidas, isso porque antes eu estudara em escolas particulares, que, apesar de serem pequenas e de bairros, minha mãe se esforçava muito para me manter ali.

A grande maioria das crianças eram brancas, com uma família em conformação diferente da minha e, por isso, por muito tempo, não consegui fazer muitos amigos verdadeiros naquela época, foram anos de muita solidão que passei em uma realidade que não parecia ser a minha, porém, eu não compreendia o que acontecia. Cunha Júnior debate sobre esse assunto ao dizer que agressões diversas fazem parte do cotidiano escolar dos afrodescendentes, fator tratado com descaso pelos professores e administradores escolares, enfatizando que as agressões são ainda mais insuportáveis devido à expectativa de que a escola seja um lugar de justiça

e igualdade, não de reprodução da violência racista (Cunha Júnior, 2008).

Em adição, o currículo escolar possui um histórico do fomento à narrativa hegemônica europeia, em contexto da educação brasileira, a colonialidade ainda permanece presente no cotidiano da sala de aula. O movimento negro possui uma luta árdua por uma educação afroreferenciada, que contemple sua história, memória e ancestralidade. Tendo como conquista a Lei 10.639 de 2003, que torna obrigatório o ensino de história africana e afro-brasileira nas escolas de nível fundamental e médio no Brasil (Brasil, 2003).

Foi na escola pública que minha vida mudou bastante, conheci amigos verdadeiros e criei laços fortes na época. As pessoas eram mais parecidas comigo e ali não havia tanto preconceito com a minha imagem e o meu jeito de ser. Algo que, na verdade, eu não esperava, pois sempre escutava coisas absurdas sobre o ensino público e ali foi onde eu menos sofri violência e racismo.

Foi ali que eu comecei a me interessar de forma mais engajada pelos aspectos sociais, pois os professores de história e filosofia nos faziam compreender de forma mais crítica a nossa realidade, instigando-nos a nos movimentar buscando mudanças. Participávamos, então, de greves, e íamos para a frente da Secretaria de Educação lutar por direitos que eram tirados de professores e alunos.

A escola tinha projetos artísticos e interdisciplinares, que iam além das meras gincanas que ocorriam na escola anterior, aulas em alguns finais de semana, projetos de monitoria, e eu participava bastante disso. Foi quando descobri que a escola ia além da sala de aula. Eu costumava ir também no contraturno e foi o período em que eu mais gostei de estar presente no ambiente escolar.

Diferentemente do que costumavam dizer, eu não perdi a minha capacidade naquela escola, a qual, para a cidade, não era considerada uma boa instituição de ensino. Nela, aprendi muitas coisas enquanto cidadã e me liberei de ciclos tóxicos aos quais fui submetida pelo preconceito de cor e de classe pelo qual eu passava dentro das escolas particulares.

Guardo com muito amor as lembranças que eu tenho também do momento pós-aula, quando descíamos a rua para ir ao shopping do Maracanaú.

Íamos lá mesmo sem dinheiro, passeávamos e nos divertíamos apenas porque estávamos juntos. Nunca existiu muita possibilidade de lazer dentro de Maracanaú então o shopping era a opção mais próxima que nós tínhamos de entretenimento e diversão.

É importante revisitar as lembranças de uma infância negra, e perceber a cultura intrínseca nos costumes, brincadeiras, alimentação e festejos. Relembro essas memórias com um misto de emoções entre orgulho e saudade. Muitos desses hábitos e, até mesmo lugares, existem somente na lembrança daqueles que os vivenciaram. Maracanaú, enquanto um polo industrial, voltado para a renovação, não possui a prática da manutenção da memória, e, enquanto cidade dormitório, é difícil a criação do sentimento de pertencimento. Por esse motivo, dado o contexto socioterritorial no qual estou inserida, destaco o valor no ato desta rememoração.

Considerações finais

Ao fazer o exercício de recordar a minha infância, passada no território de Maracanaú, pude perceber o atravessamento do tempo, responsável pelas transformações na cidade e em mim. Com isso, é notável que, embora o processo de urbanização e do desenvolvimento industrial tenham modificado significativamente o espaço físico e os costumes, a minha memória e identidade, como filha desta terra, permanecem vivas e ativas, persistindo no cotidiano. Desde seu surgimento e em sua essência, Maracanaú tem sido um espaço de contrastes, onde a modernização se relaciona com as raízes mais profundas da cultura, aqui destacada especialmente, a afrodescendente.

Apesar de encarado por muitos enquanto um símbolo de progresso, a urbanização, por vezes, pode vir a apagar as memórias afetivas e comunitárias de um lugar. A exemplo dos espaços das manifestações socioculturais perdidos no município que, de forma negligenciada, marginalizam a memória e a identidade daqueles que cresceram e ainda vivem ali. Contudo, ao refletir sobre a minha trajetória, entrelaçando a história da cidade às minhas vivências, entendo que as

transformações se constituem, não somente através da estrutura física, mas também via preservação da memória de seu povo que, ao longo do tempo, permanecem construindo o território que lhe formam.

Atualmente, junto às conquistas dos movimentos negros, podemos observar pequenas ações que nascem do desejo de romper o apagamento da memória afrodescendente do município. Apesar da necessidade de fomento e disseminação desses movimentos, é a partir deles que podemos observar pequenas mudanças ocorrendo no território. Professores dedicados à luta antirracista levam às suas escolas novas concepções a respeito da africanidade e afro-brasilidade. Movimentos sociais e artísticos independentes promovem a cultura popular tradicional do Brasil, em especial do nordeste brasileiro, assim como, ao mesmo tempo, abraça a cultura periférica jovem, através do hip-hop e da poesia slam de rua. É considerável que ainda possuímos muita estrada a ser caminhada para o alcance de uma política pública concreta de promoção da memória e cultura negra no município, mas o trabalho da comunidade é força para continuarmos seguindo nessa construção.

Ao revisitar a infância, encarando Maracanaú enquanto um lugar de memória negra, destaco a importância de cultivar as raízes culturais afrodescendentes, que fundamentam a identidade dessa cidade. Os registros marcados pela comunidade, que percorrem as veias desse lugar através da vida pulsante e tangente, fazem-me concluir que, apesar de invisibilizados, são o que constitui a alma deste local.

Portanto, em contraponto ao olhar do que mudou e do que constantemente se transforma, este trabalho se dedicou a saldar aquilo que ficou, pois as minhas memórias dão sentido à minha vida e ao que eu sou. Dedico-me a contar a minha história e a minha origem, pois acredito no poder da memória, de sua resistência e de sua capacidade de valorização. Por fim, é neste espaço, que reside a força da minha identidade e a luta de resistir ao apagamento das nossas existências neste lugar.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012.

BOLÍVAR, Antonio. A expressividade epistêmico-metodológica da pesquisa (Auto) biográfica. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; BRAGANÇA, I. F. de S.; ARAÚJO, M. S. (org.). **Pesquisa (auto) biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

CUNHA, Jorge Luiz da. Pesquisas com (auto)biografias: interfaces em tempos de individualização. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGI, Maria da Conceição (org.). **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 95-113.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. A espacialidade urbana das populações negras: conceitos para o patrimônio cultural. In: SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JÚNIOR, Henrique. (org.). **Afropatrimônio Cultural**. 1. ed. Fortaleza: Editora Via Dourada, 2019. v. 1. 193p.

CUNHA JÚNIOR, H. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola. In: GOMES, Ana Beatriz Souza; CUNHA JÚNIOR, Henrique (org.). **Educação e afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: EdUFC, p. 229–240, 2008.

GOMES, Rafael Brito; PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. Economia urbana e espaços metropolitanos: Maracanaú no contexto da metropolização de Fortaleza-Ce. **Revista Geo–ECE**, v. 2, n. 1, p.111-130, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, p. 20-28, 2002.

MOURÃO, Ada Raquel Texeira; CAVALCANTE, Sylvia. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 143-151, 2006.

NUNES, Cicera. **O reisado em Juazeiro do Norte e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente**: uma proposta para a implementação da Lei n.º 10.639/03. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

PASSEGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021.

PASSEGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.

POLAK, Y. N. S.; DINIZ, J. A. Conversando sobre pesquisa. In: POLAK, Y. N. S.; DINIZ, J. A.; SANTANA, R. S. **Dialogando sobre metodologia científica**. Fortaleza: Edições UFC, p. 67-98, 2011.

SANTOS, Marlene Pereira dos; CUNHA JÚNIOR, Henrique. A farmácia em casa: ancestralidade e conhecimento em botânica em Horizonte. In: SANTOS, Marlene Pereira dos;

CUNHA JUNIOR, Henrique. (org.). **Afro Patrimônio Cultural**. 2. ed., p. 151-165, 2019.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, p. 7-13, 1999.

SILVA, Meryelle Macedo da; SILVA, Rafael Ferreira da. Feira livre e tradicional do Crato - Ce: espaço educativo das africanidades no ensino de geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 106, p. 138-152, 2021.

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, v. 25, n. 11, p. 22–39, 2006.

SOUZA, Juliana. **Memórias e histórias negras da cidade de Carapicuíba - SP**: uma abordagem para a educação escolar. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.